



HAL
open science

Aprendendo com Lélia Gonzalez: a categoria político-cultural de amefricanidade

Luana Antunes Costa

► **To cite this version:**

Luana Antunes Costa. Aprendendo com Lélia Gonzalez: a categoria político-cultural de amefricanidade. 2023. halshs-04129785

HAL Id: halshs-04129785

<https://shs.hal.science/halshs-04129785>

Submitted on 15 Jun 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - ShareAlike 4.0 International License

Aprendendo com Lélia Gonzalez: a categoria político-cultural de amefricanidade

Luana Antunes Costa

Citar: Costa, Luana Antunes, 2023. Aprendendo com Lélia Gonzalez: a categoria político-cultural de amefricanidade. *Esquisses | Les Afriques dans le monde*, <https://elam.hypotheses.org/5026>.

PDF : 6 páginas.

A autora: Luana Antunes Costa é Professora Doutora no ILL (Instituto de Linguagens e Literaturas), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Estado da Bahia, Brasil. É professora visitante na Universidade Bordeaux-Montaigne (France, 2022-2023).

Este texto foi escrito para o seminário *Decolonial e Universal: Perspectivas Cruzadas*, coordenado por Elara Bertho e Michel Cahen e proposto por Les Afriques dans le monde (2022-2023). A sessão teve lugar em 26 de Janeiro de 2023.

Referência: Gonzalez, Lélia. 1988. “A categoria político-cultural de Amefricanidade.” *Tempo Brasileiro*, n° 92/93, p. 69-81.

<https://web.archive.org/web/20230218030724/https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>.

Esse texto pretende apresentar um percurso de leitura e também de convivência com o pensamento de Lélia Gonzalez, intelectual afro-brasileira, antropóloga, professora, militante antirracista e anticolonialista, precursora do Feminismo Negro Brasileiro e membra fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU), no Brasil.

Um pacto de leitura

A proposta do seminário “Universel e Décolonial”, ao colocar a tônica sobre o debate gerado pelas ideias centrais do texto e suas relações com um arcabouço teórico-crítico mobilizado pelos campos epistemológicos dos Estudos Decoloniais, me provoca a criar um outro pacto de leitura com o artigo de Lélia Gonzalez. Em outros momentos, ao longo do percurso de minhas pesquisas acadêmicas, no campo dos Estudos Literários e dos debates junto aos movimentos sociais negros no Brasil, o foco de minha leitura se centrava na articulação, proposta por Gonzalez, entre a linguística, a psicanálise e a história social da formação da sociedade brasileira, marcada pelo fenômeno do racismo. Refiro-me, agora, a um outro pacto de leitura, pois habituada a uma interpretação da realidade histórico-político e social do Brasil a partir dos textos literários, percebo, primeiramente, que o artigo de Gonzalez me possibilita a refletir sobre a tessitura de uma teia intertextual, diálogos propostos pela autora com seus outros textos, além de me proporcionar a experiência do movimento (e

aprendizado) representado pelo pássaro Sankofa, elemento da tradição Adinkra, do povo Ashanti: o pássaro olha para trás e nos ensina: volte ao passado e pegue-o para avançar.

Ler o artigo de Gonzalez, à luz do presente, quando se inicia no Brasil um novo período histórico, ainda nebuloso após a vigência do governo bolsonarista, de extrema direita, nos leva a imaginar uma possibilidade de futuro representada pela implementação de políticas públicas e educacionais a partir da criação do Ministério da Igualdade Racial e do Ministério dos Povos Indígenas, ambos liderados por mulheres representantes dos grupos das minorias sociais, a saber, Anielle Franco e Sonia Guajajara. Tal proposta política de governança, ao destacar a questão racial (com suas complexidades) e ações para a promoção da igualdade racial, é fruto de uma resistência popular coletiva, que ao longo do tempo, vem trabalhando para convocar a população brasileira a uma conscientização sobre o nosso passado colonial, marcado pelo tráfico Atlântico, pela exploração dos povos originários e de seus territórios.

Lélia Gonzalez: antropóloga-negra-militante

Apresentar dados biográficos sobre Lélia Gonzalez não é uma tarefa fácil. Sua produção acadêmica foi de grande intensidade, tal como sua atuação política, tanto em espaços nacionais como internacionais. Após a sua morte, seu espólio se dividiu entre parentes, amigos e pessoas próximas, o que poderia dificultar, por vezes, a reunião e o acesso ao material como fonte de pesquisas. Além disso, o fenômeno do epistemicídio dos saberes da população negra no Brasil, como nos ensina a filósofa Sueli Carneiro (2005,) se mostra pela invisibilização da obra de Lélia Gonzalez, no cenário editorial brasileiro, após a sua morte. Embora os seus inúmeros trabalhos acadêmicos publicados, em circuito nacional e internacional, e sua profícua atuação política, a sua obra e sua memória foram silenciadas por décadas, sem repercussão nos ambientes hegemônicos, acadêmicos ou aqueles da política institucionalizada no Brasil. Por outro lado, ainda que considerando a assimetria de forças políticas no território nacional, vale destacar os esforços dos movimentos sociais negros brasileiros e de seus agentes, com a organização de eventos pedagógicos e publicações póstumas, para manter viva a memória da autora.

Após esse período de silenciamento de suas contribuições para a interpretação da sociedade brasileira e de outras sociedades diaspóricas, sua obra e sua trajetória de vida são revigoradas, na cena pública da informação e da pesquisa, pelos trabalhos pioneiros realizados pelo geógrafo e antropólogo, Alex Ratts, e pela historiadora Flávia Rios, a exemplo da obra *Lélia Gonzalez* (2010). Nos últimos anos, a obra de Lélia Gonzalez tem alcançado espaços acadêmicos e vem sendo publicada, graças ao aumento da presença de estudantes negros nas universidades públicas do país, impulsionada pela implementação de políticas públicas para a promoção da igualdade racial, pelo aumento de editoras interessadas na publicação de obras de pensadores negros.as e pelo trabalho de intelectuais negros.as contemporâneos.

Para apresentar a autora, apoio-me no trabalho de Ratts e Rios (2010) ao nos lembrar da voz de Lélia, em sua auto-apresentação, nos anos 1979: “A barra é pesada. Eu sou uma mulher nascida de família pobre. Meu pai era operário, negro. Minha mãe, uma indígena analfabeta. Tiveram dezoito filhos, e eu sou a décima sétima” (Ratts et Rios 2010, 21).

Lélia Gonzalez nasceu em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais, em 1935. Ela faleceu no Rio de Janeiro, em 1994. Décima sétima dentre dezoito filhos do casal, Acácio Joaquim de Almeida e Urcinda Serafim dos Anjos. Seu pai era um homem negro, que trabalhava como ferroviário, e sua mãe, de ascendência indígena, era empregada doméstica. A família migra para a cidade do Rio de Janeiro, durante a infância de Gonzalez, motivada pelo novo trabalho de seu irmão, Jaime de Almeida, jogador de futebol no Clube Atlético Mineiro, de Belo Horizonte. Ele fora transferido para o Clube Fluminense. Nessa nova cidade, ainda durante a sua infância, Lélia Gonzalez trabalhará como babá dos filhos de diretores do clube onde seu irmão trabalhava, o que era bastante comum como destino para as meninas negras e pobres.

Licenciada em História e Geografia (1954-1958) e em Filosofia (1959-1962), pela Universidade do Estado da Guanabara, ela atuou como professora em escolas públicas do Rio de Janeiro. Em seguida, ela se tornou mestre em Comunicação Social e doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo. Gonzalez foi professora e diretora do departamento de Sociologia e Política na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Além de sua atuação como acadêmica, Lélia Gonzalez esteve à frente da criação de importantes instituições e organizações sociais, entre os anos 1970 e 1980, como o Movimento Negro Unificado (MNU), o Instituto de Pesquisa sobre as Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Grupo Olodum.

Participando do circuito da política institucional brasileira, ela concorreu duas vezes às eleições para mandatos legislativos: em 1982, para o posto de deputada federal, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e em 1986, para o de deputada do estado do Rio de Janeiro, pelo Partido Democrático Trabalhista, (PDT). Ela ainda a participou do Conselho Nacional de Direitos da Mulher (1985).

Amefricanidade: diálogos intertextuais e políticas de futuro

Para a elaboração do conceito de amefricanidade, Gonzalez retoma as ideias elaboradas em seu artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1983), pelo qual ela propõe a articulação entre as categorias de raça, classe, gênero, para a interpretação da sociedade brasileira e dos mecanismos de opressão, o que, futuramente seria chamado de “perspectiva interseccional”, “interseccionalidade”, pelas intelectuais Kimberlé Crenshaw (1989), Angela Davis, Patricia H. Collins e outras intelectuais negras representantes do Feminismo Negro nos Estados Unidos. Ela também apresenta, como inquietação motivadora de sua pesquisa, a noção de Améfrica Ladina proposta pelos psicanalistas Bety Milan e M. D. Magno (1981), que lhe permite interrogar a construção do imaginário brasileiro e da formação histórico-cultural do Brasil. Ela propõe, assim, uma afirmação das relações históricas e culturais partilhadas entre as populações negras do continente americano, compreendendo o continente africano, como matriz civilizacional e cultural.

Ao enfatizar a ideia de que o Brasil “[...] é uma América Africana, cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o t pelo d para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras:

América Latina [...]”, Gonzalez propõe uma interpretação do funcionamento do racismo como o “sintoma da neurose cultural brasileira” (1988b, 69).

No plano simbólico, representado pela construção dos imaginários, pela palavra (signo linguístico), o racismo “à brasileira” opera pela “denegação”. Tal categoria freudiana oferece à Gonzalez a possibilidade de refutar a ideia de que, no Brasil, as [...] formações inconscientes são exclusivamente europeias, brancas” (*ibidem*), e a tese hegemônica da democracia racial, a crença numa espécie de harmonia social à partir da convivência pacífica entre os diferentes grupos étnico-raciais formadores do tecido social brasileiro, desde à era colonial à atualidade.

Ao justificar a sua afirmação – “[...] todos os brasileiros (e não apenas ‘os pretos’ e ‘os pardos’ do IBGE) são ladinoamericanos” (*ibidem*) -, Gonzalez lança um olhar sobre a história da colonização praticada por potências europeias, dando enfoque às ideologias de superioridade racial dos povos europeus, sobre aqueles de territórios colonizados. Esse debate proposto por Gonzalez, na cena da produção científica brasileira e, no momento da redemocratização no Brasil (fim dos anos 1980), após vinte e um anos do regime da ditadura militar, aponta para a necessidade de uma conscientização nacional sobre o apagamento das contribuições das populações africanas e seus descendentes, bem como das populações originárias, tanto para a formação da sociedade brasileira, quanto para outras populações “amefricanas” do continente. Desde a fundação do Movimento Negro Unificado, em 1978, seus integrantes colocam em prática políticas de uma re-educação popular, ao ressignificarem as categorias de identidade racial, como “pretos” e “pardos”, maioria populacional do Brasil. Desse modo, o MNU aposta na criação e na difusão da categoria, “negros”, como identidade política, a partir da somatória estatística do número populacional abrangido pelas categorias “pretos” e “pardos”. Portanto, a proposta de Gonzalez, para uma nomeação-coletiva da sociedade brasileira face às políticas de branqueamento em voga desde o passado colonial, participa desse momento histórico que propõe movimentos de enunciação (via a conscientização) sobre nós-mesmos, a partir de uma voz reflexiva e de dentro da comunidade negro-brasileira.

Adotando uma perspectiva comparatista e crítica, entre a sociedade negra estadunidense e a sociedade brasileira, a autora sinaliza as contradições das formas político-ideológicas que não foram ultrapassadas pela luta dos movimentos anti-coloniais e antirracistas nos Estados Unidos. Desse modo, ela interroga os usos dos termos “afro-americano” / “africano-americano” que, segundo a sua compreensão, demonstram uma reprodução inconsciente da hegemonia imperialista estadunidense: “os termos ‘afro-american’ (afroamericano) e ‘african-american (africanoamericano) remetem-nos a uma primeira reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos e não em todo o continente” (*ibidem*, 76). Assumindo o diálogo encetado com as propostas do Panafricanismo, do Movimento da Negritude, da Afrocentricidade, Lélia Gonzalez, pela categoria político-cultural de amefricanidade, me instiga a refletir, de forma transdisciplinar, sobre as relações de similitudes e de diferenças que, no passado, envolveram a formação das sociedades amefricanas do continente, mas também que se estendem até a contemporaneidade, incluindo a dinâmica dos processos diaspóricos presentes em outras partes do território planetário.

“Para além de seu caráter puramente geográfico, a categoria de amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como a Jamaica e o akna, seu modelo denominante, o Brasil e seus modelos yorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica” (*ibidem*, 76).

Nesse sentido, percebo que a categoria político-cultural de amefricanidade, mais contemporaneamente, pode-se relacionar à noção de “África Global” (Cf. Yai e Ze-Belंगा), defendida por intelectuais das margens do capitalismo, sejam elas africanas ou amefricanas. Uma categoria ainda em construção, em processo, que nos permite refletir sobre o fluxo e o refluxo das populações afro-diaspóricas e suas produções histórico-culturais em expansão pelos territórios planetários, desde tempos mais remotos à contemporaneidade. Esse esforço intelectual, protagonizado por tais intelectuais, como Lélia Gonzalez, aponta-nos para a necessidade contínua de buscas por respostas e formulações de propostas, nos planos científico, artístico, simbólico, entre outros, como alternativa diante da constante produção de discursos e de políticas hegemônicas que alicerçam a manutenção do racismo, do colonialismo, do capitalismo e suas diversas formas de opressão humana.

A partir do entre-lugar que ocupo, em movimentos, entre o Brasil, a Martinica, Moçambique e a França, considero que o trabalho de Lélia Gonzalez, a presença de sua voz materializada na palavra-texto, opera como espelho para nós, intelectuais negras da diáspora, em busca por respostas face às contradições do nosso presente histórico e das complexidades dos territórios que habitamos (e que nos habitam). Para mim, a auto-definição “amefricana” reforça a antiga voz feminina e coletiva que ensina: nossos passos vêm de longe, desde o berço ancestral africano. Desse modo, o percurso de convivência com a obra e o pensamento de Lélia Gonzalez, se inscreve, na senda deste texto, como potência para a imaginação de futuros possíveis.

Referências

- ASANTE, M. K. (1988). *Afrocentricity*. Trenton : Africa World Press.
- CARNEIRO, S. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Thèse de doctorat en Éducation et Philosophie de l'éducation, Université de São Paulo São Paulo. <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf> [archive].
- COLLINS, P.H. (1986). “Learning from the Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought”. *Social Problems*, v. 33, n° 6, “Special theory issue”, p. 14-32. <https://doi.org/10.2307/800672>.
- CRENSHAW, Kimberlé (1989). “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”. *University of Chicago Legal Forum*, Vol. 1989, n° 1, Article 8, p. 139-167. <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8> [archive].
- GONZALEZ, L. (1984). “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Apocs, p. 223-244. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6608168/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf [archive].

- GONZALEZ, L. (1988a). “Nanny, pilar da amefricanidade”. *Revista Humanidades*, n° 17., Brasília, Editora UNB.
- GONZALEZ, L. (1988b). “A categoria político-cultural de Amefricanidade”, *Tempo Brasileiro*, n° 92/93 (jan-jun), p. 69-81. <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf> [archive].
- GONZALEZ, L. (2015). “La catégorie politico-culturelle d’améfricanité”. Trad. Hélène Le Doaré. *Les Cahiers du CEDREF*, n° 20, p. 1-9. <https://doi.org/10.4000/cedref.806>.
- GONZALEZ, L. (2018). *Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras*. São Paulo : UCPA Editora.
- GONZALEZ, L., HASENBALG, C. (1982). *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero. <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-hasenbalg-lugar-de-negro1.pdf> [archive].
- MAGNO, M.D. (1981). *América Ladina: introdução a uma abertura*. Rio de Janeiro : Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. https://www.novamente.org.br/arquivos/md80-08-26jun-amefricaladina-pdf_1647710610.pdf [archive].
- RATTS, A. (2022). “Lélia Gonzalez e seu lugar na antropologia brasileira: ‘cumé que fica?’”. *Revista Mana*, n° 28, p. 1-34. <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n3a0202>.
- RATTS, A., RIOS, F. (2010). *Lélia Gonzalez: Retratos do Brasil Negro*. São Paulo : Selo Negro.
- RIOS, F., LIMA M., eds. (2020). *Lélia Gonzalez. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. São Paulo : Zahar. <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf> [archive].
- YAI, O.J.B., ZÉ BELINGA, M. (no prelo). “Écrire l’histoire des Africains et de leurs diasporas aujourd’hui: quelques considérations épistémologiques”. In: *Histoire Générale de l’Afrique*. Vol. IX, section 1. Paris : Unesco.